

SOBRE A ESSÊNCIA DA TÉCNICA EM HEIDEGGER¹

Vitor Orquiza de Carvalho

Mestrando em Filosofia na Universidade de Campinas - UNICAMP

RESUMO

Este artigo discute a técnica do modo como foi pensada por Martin Heidegger, filósofo que contribuiu para o desvelamento do sentido filosófico do termo “técnica” ao investigá-lo no âmbito do pensamento ou da linguagem buscando demonstrar a sua essência por meio de um caminho rigoroso de pensamento. Repensou-a ao considerar as implicações provindas da relação entre a técnica e as ciências modernas, o que o fez se contrapor ao sentido corrente desta relação e o possibilitou a pensar no amanhã, no futuro da técnica. Neste artigo focamos o texto escrito por Heidegger em 1953, *A questão da técnica*, apresentando-o por meio de reflexões e indagações.

Palavras-chave: Técnica; Heidegger; Essência.

ABSTRACT

This paper discusses technique as Martin Heidegger thought it, a philosopher who contributed to the philosophical meaning of technique when he investigated it in the context of thought or language showing its essence by his thorough thinking path. He rethought it as he considered the implications that appeared between the relation of technique and modern sciences, which contradicted the current sense of the term and made it possible to think the tomorrow, the future of technique. In this article we focused the essay written by Heidegger in 1953, *The question concerning technology*, presenting it through reflections and inquiring.

Keywords: Technique; Heidegger; Essence.

Introdução

O valor que a técnica adquiriu com o advento da ciência moderna parece ser imensurável. Entendida comumente como o conjunto de ações humanas para atingir uma finalidade, a técnica parece ecoar como uma arma do homem contra o acaso. É como se nela repousasse toda a atividade e capacidade do homem de intervir e modificar o seu destino na natureza. Entretanto, quando a técnica é questionada, quando se procura penetrar em seu significado, surgem compreensões opostas àquelas comumente expostas e compreende-se que

¹ Pesquisa com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2011/03649-2.

o destino guiado pela técnica pode não ser o mais seguro. O filósofo alemão Martin Heidegger (1889 – 1976) dedicou um texto ao assunto no qual colocou a técnica diante de seu raciocínio filosófico não somente com a intenção de defini-la, mas para investigar e compreender a sua essência, aquilo que considerou como sendo sua verdade. Neste texto*, Heidegger convida o leitor a acompanhá-lo por um caminho no qual o ponto de chegada é a compreensão da essência da técnica. Um caminho traçado por meio de um intenso exercício de indagação, que dialoga com os termos e filósofos gregos, que procura compreender o que houve com a técnica após o advento da ciência moderna e que procura apontar o que há de escondido em seu destino.

A ideia do presente artigo é de apresentar esse caminho por meio de uma interlocução com o texto de Heidegger. O que justifica esta ideia é a compreensão de que o filósofo contribuiu para o conhecimento da técnica ao se opor ao seu sentido comum. Heidegger aproximou a técnica ao sentido de conhecimento, do desencobrimento da vigência das coisas encontradas na natureza e do encontro que leva o homem a desafiar as suas leis, de tal modo que duvidou daquilo que estava a sua frente, um pensamento que por muito tempo denotou que “a técnica é a fatalidade de nossa época, em que a fatalidade significa o inevitável de um processo inexorável e incontornável” (HEIDEGGER, 2002, p.28).

Os passos de Heidegger até a essência da técnica

Heidegger esclarece que são corretos os pensamentos que definem a técnica como meio para um fim e como uma atividade do homem. No entanto, apesar de corretos, estes não exprimem a sua essência. O verdadeiro – a essência – não é o correto, mas por meio de sua exploração pode-se encontrá-lo: “Ora, somente onde se der esse descobrir da essência, acontece o verdadeiro em sua propriedade. Assim, o simplesmente correto ainda não é verdadeiro” (HEIDEGGER, 2002, p.13). Em busca de tal essência, o filósofo expõe o seguinte raciocínio para explicar que há uma relação entre o correto sobre esta e o que entendemos como causalidade: “Onde se perseguem fins, aplicam-se meios, onde reina a instrumentalidade, aí também impera a causalidade” (HEIDEGGER, 2002, p.13). Diante desta relação, torna a ser necessário perseguir a essência da causalidade e, para tanto, o filósofo busca nos ensinamentos antigos da filosofia a definição do que é causa. Heidegger esclarece

* O texto original foi escrito em 1953 sob o título *Die Frage nach der Technik*.

que a compreensão do que é causa contribui de modo decisivo para o posterior entendimento do que é a causalidade e do que é a técnica:

1) A *causa materialis*, o material, a matéria de que se faz um cálice de prata; 2) a *causa formalis*, a forma, a figura em que se insere o material; 3) a *causa finalis*, o fim, por exemplo, o culto do sacrifício que determina a forma e a matéria do cálice usado; 4) a *causa efficiens*, o ourives que produz o efeito, o cálice realizado, pronto. Descobre-se a técnica concebida como meio, reconduzindo-se a instrumentalidade às quatro causas. (HEIDEGGER, 2002, p.13)

Assim, a causa entendida como eficiência, como algo que busca “alcançar, obter resultados e efeitos” (HEIDEGGER, 2002, p.14) (quer dizer, a *causa efficiens*) é o que está no cerne da causalidade do pensamento comum. Heidegger apresenta que, para os gregos (particularmente no pensamento de Aristóteles), o entendimento de causalidade não tinha aceção de eficiência, mas representava a ideia de *responder* e de *dever*. O exemplo que o filósofo utiliza para ilustrar esta ideia é válido de ser citado:

A prata é aquilo de que é feito um cálice de prata. Enquanto uma matéria (ὕλη) determinada, a prata responde pelo cálice. Este deve à prata aquilo de que consta e é feito. O utensílio sacrificial não se deve, porém, apenas a prata. No cálice, o que se deve à prata aparece na figura de cálice e não de um broche ou anel. O utensílio do sacrificio deve também o que é ao perfil (εἶδος) de cálice. Tanto a prata, em que entra o perfil do cálice, como o perfil, em que a prata aparece, respondem, cada uma, a seu modo, pelo utensílio do sacrificio. (HEIDEGGER, 2002, p.14)

Para compreendermos o significado que os gregos deram à palavra causalidade, temos de nos desapegar da concepção atual - que provém do latim² - e entendê-la como algo que *responde* e *deve* à outra coisa. No caso, o cálice *responde*, ou *deve*, à prata.

A *reflexão* é o último fator investigado pelo filósofo para compreender a essência da causalidade. Heidegger expõe a importância da *reflexão* do ourives na manufatura de um cálice. Sem essa, a prata jamais voluntariamente se transformaria em cálice: “Os três modos anteriores de responder devem à reflexão do ourives o fato e o modo em que eles aparecem e entram no jogo de produção do cálice sacrificial” (HEIDEGGER, 2002, p.15). Está em jogo aqui a *causa efficiens*, em que para tudo que servirá o cálice, todo o seu efeito, deve ao

² “*Causa, casus* provém do verbo *cadere*, cair. Diz aquilo que faz como que algo caia desta ou daquela maneira num resultado”. (HEIDEGGER, 1953/2002, p.14)

ourives e sua reflexão. Pode-se concluir desse raciocínio de Heidegger que o ato do homem, reflexão, faz parte da causalidade, mas não a constitui como um todo.

O terreno do caminho erigido por Heidegger nesse texto é densamente revestido pela etimologia das palavras, por seus campos semânticos e por suas interconexões. A próxima palavra a ser explorada é o verbo *viger*, que é destacado para que seja percebido como algo que passa a *vigorar*. Comumente, esse verbo é utilizado no português para se referir a uma lei que antes não se encontrava em vigor, que não era vigente, que não estava em execução. A lei precisou de uma série de ações burocráticas do poder legislativo para entrar em vigor. O que antes eram ideias de alguns, o que era a necessidade de uma população, passou a ser uma lei. Esta começou a viger, passou a existir como lei; do mesmo modo que o cálice passou a viger após o conjunto de causas que o retiraram da condição de prata. Por sua vigência, o cálice, assim como a lei, deve ou responde àquilo precedente.

Os quatro modos de causalidade (de responder e dever), então, induzem algo a aparecer: “Deixam que algo venha a viger. Esses modos soltam algo numa vigência e assim deixam viger, a saber, em seu pleno advento. No sentido desse deixar, responder e dever são um deixar-viger” (HEIDEGGER, 2002, p.15). O sentido comum, de que a causalidade exprime a relação entre a causa e o efeito parece se tornar trivial quando é posto diante essa investigação etimológica de Heidegger. É nos filósofos gregos, então, que ele busca compreender essa etimologia e é por meio de uma citação de Platão que a próxima conexão é dada rumo à compreensão da técnica: “Todo deixar-viger o que passa e procede do não-vigente para a vigência é *ποίησις*, é pro-dução” (PLATÃO *apud* HEIDEGGER, 2002).

Quando pensamos no verbo *produzir* sem o caminho que fizeram os gregos, podemos nos limitar a compreendê-lo como apenas uma ação criadora do homem. Uma atividade humana que exclui a participação essencial daquilo que está na produção. Sim, sem a participação do ourives não haveria cálice. Mas, sem a prata (*causa materialis*), sem as formas (*causa formalis*) necessárias para contenção do líquido da libação (*causa finalis*) também não haveria a produção do artefato³. Quer dizer, reduzir o sentido de produção como apenas a atividade criadora do homem é recair na concepção mais comum de técnica, aquela

³ “Uma produção, *ποίησις*, não é apenas confecção artesanal e nem somente levar a aparecer e conformar, poética e artisticamente, a imagem e o quadro. Também a *φύσις*, o surgir e elevar-se por si mesmo, é uma produção, é *ποίησις*. A *φύσις* é até a máxima *ποίησις*”. (HEIDEGGER, 2002, p.16).

que foi apresentada no primeiro parágrafo desta apresentação. Deixar-viger aquilo que vige de um modo e vigerá de outro é a produção. Algo que não está vigente, então, se encontra oculto, escondido, encoberto. Mas, ao mesmo tempo, é constitutivo e pode vir a viger.

Por exemplo, o cálice esteve em potência a todo tempo na prata, mas sem vigorar como cálice. Tudo aquilo que tem a prata como matéria, que provém da prata, e ainda não foi feito, adormece como potência na prata até ser produzido. Esse raciocínio é explicado por Heidegger da seguinte forma:

A pro-dução conduz do encobrimento para o desencobrimento. Só se dá no sentido próprio de uma pro-dução, enquanto e na medida em que alguma coisa encoberta chega ao desencobrir-se. Este chegar repousa e oscila no processo que chamamos de desencobrimento. Para tal, os gregos possuíam a palavra ἀλήθεια. Os romanos a traduziram por *veritas*. Nós dizemos “verdade” e a entendemos geralmente como o correto de uma representação. (HEIDEGGER, 2002, p.16)

Com esses termos, o caminho de Heidegger se aproxima da essência da técnica. Ora, se é correto dizer que técnica é o meio para atingir uma finalidade e que nisso reside a causalidade, e que na causalidade se encontra o deixar-viger; e este é o que se entende por produção, e a produção é o desencobrimento, e o desencobrimento é a antiga concepção de ἀλήθεια, que hoje é tida como verdade; então, a técnica tem um espaço delimitado, em que conserva íntima conexão com a verdade e com o desencobrimento. A técnica agora torna a ser mais profunda do que se encontrava no início do caminho de Heidegger:

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade. (...) Técnica é uma forma de desencobrimento. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e des-encobrimento, onde acontece ἀλήθεια, verdade. (HEIDEGGER, 2002, pp.16 – 17)

Então, o termo τέχνη é finalmente lançado por Heidegger. Segundo ele, este é o que originou aquilo que hoje concebemos como técnica. Podemos encontrar o mesmo termo representando o vocábulo *arte*⁴. Τέχνη é o nome grego dado tanto às artes da mente quanto às belas artes. Outra ligação importante, segundo o filósofo, que pode ser feita a palavra τέχνη é a palavra ἔπιστήμη – *episteme*. Conhecemos bem essa palavra e sabemos que ela remete ao

⁴ Por exemplo, no *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano temos o vocábulo **Arte** como: “(Gr.; lat Ars; in. Art; fr, Art; al. Kunst; it. Arte). Em seu significado mais geral, todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer. Era nesse sentido que Platão falava da A. e, por isso, não estabeleceu distinção entre A. e ciência (...)”. (ABBAGNANO, 2004, p.81).

conhecimento. Assim, τέχνη também pode remeter ao conhecimento. Tal associação foi encontrada na obra de Platão, mas foi desfeita por Aristóteles em seu texto a *Ética a Nicômacos*. Para Aristóteles, a diferença entre ἐπιστήμη e τέχνη é que a segunda conota algo a ser revelado, descoberto. Ou seja, possui o deixar-viger e o produzir que Heidegger nos mostrou e expressa a sua conclusão de que τέχνη é um modo onde a verdade ocorre, um modo de descobrimento (HEIDEGGER, 2002, p.18).

A essência da técnica agora parece delimitada. O desencobrimento é o corpo basal na sua constituição e é revelado quando penetramos em sua superfície, naquilo que foi posto como apenas correto. Mas não nos surpreende a percepção do próprio Heidegger de que as suas reflexões podem incitar objeções, em que o seu raciocínio poderia estar ligado exclusivamente ao pensamento grego e que não daria conta do entendimento da “técnica moderna caracterizada pela maquina e aparelhagem” (HEIDEGGER, 2002, p. 18). Resta a Heidegger, então, refletir acerca da diferença entre a técnica atual e a antiga.

A técnica moderna e suas particularidades

Não podemos discordar que a técnica moderna é muito bem acompanhada da ciência moderna. Parceria essa que não existia antes do século XVII, quando a técnica mal se comunicava com a ciência aristotélica, que reinou por séculos. O que houve, então, para ocorrer essa relação entre a ciência moderna e a técnica? Vale a pena perceber como Heidegger assinala esse questionamento:

Muito se diz que a técnica moderna é uma técnica incomparavelmente diversa de toda técnica anterior, por apoiar-se e assentar-se na moderna ciência exata da natureza. Entrementes, percebeu-se, com mais nitidez, que o inverso também vale: como ciência experimental, a física moderna depende de aparelhagens técnicas e do progresso da construção de aparelhos. (...) A questão decisiva permanece sendo: de que essência é a técnica moderna para poder chegar a utilizar as ciências exatas da natureza? O que é a técnica moderna? Também ela é um desencobrimento. Somente quando se perceber este traço fundamental é que se mostra a novidade e o novo da técnica moderna. (HEIDEGGER, 2002, p.18)

Esse pensamento denuncia que não somente a técnica depende da ciência moderna, mas a ciência moderna também está à mercê da técnica. Mas tal afirmativa será averiguada adiante. O que nos concerne agora é entender o que Heidegger anuncia como diferente na técnica moderna. Aparentemente, fazer um cálice de prata não é algo que exige muito da

natureza. Extrai-se dela a prata e se faz o cálice por meio de fogo e algumas ferramentas, isso pode sugerir o quanto a técnica antiga era humilde e pouco exigente. A moderna, no entanto, possui demandas imensamente maiores – a técnica moderna “é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (HEIDEGGER, 2002, p.19).

Explorar e *armazenar*, dois verbos novos que extrapolam a concepção anterior de produção (ποίησις). Ora, o deixar-viger, as quatro formas de causalidade, nada tinha que armazenar. O descobrimento decorrente da técnica antiga era direto e reto. O descobrimento (ἀλήθεια) também faz parte da técnica moderna, mas o caráter de exploração e armazenamento integra-se à sua essência.

Quando lemos a versão do mesmo texto de Heidegger traduzido para o inglês⁵, percebemos uma nota de rodapé do tradutor que afirma que o filósofo alemão teria utilizado o verbo *herausfordern* no momento em que começa explicar o que há de diferente na técnica moderna. Esse verbo foi traduzido ao português como *explorar*, mas nele também consta a tradução de *desafiar* – pela qual optou o tradutor da versão inglesa quando utiliza o verbo *challenge*. Para esse tradutor, se fosse feita uma tradução literal do alemão para o inglês, *herausfordern* poderia ser entendido como “*to demand out hither*” (LOVITT, 1977, p.14), o que em português poderia ser entendido como *demandar-aqui* ou *demandar-para-cá* (tradução nossa). Quer dizer, quando pensamos dessa forma, que a técnica moderna desafia a natureza, podemos fazer um exercício de imaginação em que a natureza está quieta, tranqüila em sua harmonia, e tudo aquilo que se soma na atividade técnica provoca a natureza e a convida para um duelo, em que o vencedor poderá dar as ordens.

Outra questão trazida pelo tradutor da versão inglesa é que *herausfordern* possui uma nítida proximidade com o verbo *hervorbringen*. Este, por sua vez, pode ser traduzido para o português como *produção* – ou seja, o mesmo verbo visto na explicação de Heidegger para o *deixar-viger*. Assim, se há no primeiro verbo a conotação de *demandar-aqui*, no segundo há a conotação de *deixar-viger*. Interessante porque revela o quanto as duas formas de descobrir, vistas nos dois verbos em alemão, tanto na técnica antiga como na moderna, aponta para algo que não se encontra e passa a se encontrar - passa a estar presente - seja por demanda ou por permissão.

⁵ Traduzido por William Lovitt em 1977.

Vista desse modo, a técnica moderna tanto explora quanto desafia a natureza. Faz isso, segundo Heidegger, para armazenar energia. O filósofo exemplifica com o exemplo do lavrador, que antigamente não desafiava - ou explorava - a natureza, mas apenas semeava o campo e aguardava o crescimento normal daquilo que foi plantado. O que mudou é que agora o lavrador *dis-põe* da natureza. Termo importante que outra nota de rodapé do tradutor inglês parece facilitar. Segundo Lovitt, Heidegger utiliza o verbo *stellen* (que ele traduz para o inglês como *set upon* e no texto em português é visto como *dispor*), o qual possui inúmeros significados:

Este *stellen* pode significar por em seu lugar, ordenar, arrumar, dar ou providenciar e, em um contexto militar, desafiar e engajar [alistar]. Aqui Heidegger visa à conotação de *herausfordern* (...) como o determinante fundamental do significado de *stellen*. A tradução de *stellen* como *dispor* [*set upon*] possui a intenção de carregar este sentido. (LOVITT, 1973, p.15, tradução nossa)

Isso quer dizer que a técnica moderna *dis-põe* da natureza no sentido de que a desafia para ordená-la do modo que almeja. Permite a remoção do invólucro de sua autonomia, deixando-a exposta e sujeita a transformação. A técnica moderna se aperfeiçoa diante do lema: “o máximo de rendimento possível com o mínimo gasto” (HEIDEGGER, 2002, p.19).

Heidegger ilustra essa ideia com o exemplo da usina hidrelétrica, em que o homem produz a corrente elétrica ao *dispor* o rio e usufruir de sua força hidráulica. Há nesse entremeio uma série de disposições que resultam no rio como um dispositivo, que se antes fazia parte da paisagem natural, agora é a “essência da usina”. O sentido de que a técnica moderna explora a natureza se encaixa bem nesse raciocínio. Não em uma compreensão de explorar como de se aventurar e investigar, mas sim próximo a de tirar proveito, de devassar aquilo que a natureza proporciona:

Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento. (HEIDEGGER, 2002, p.20)

O mundo se descobre aos poucos e tudo que passa por esse movimento, citado por Heidegger, fica ao alcance sempre que necessário. Tudo o que a técnica moderna descobre, agora está à disposição. Mesmo o que não se faz necessário em um dado momento, permanece a seu posto, pronto para chegar a vigor. A energia elétrica de uma casa fica à

espera de um toque no interruptor para iluminar, os aparelhos médicos estão à disposição para quando entrar um paciente na sala de emergência, assim como a ambulância que o levou até ali está sempre à disposição do motorista. Todas essas máquinas e aparelhos são apenas objetos, Heidegger não nega isso, mas diz que a representação destes como apenas objetos esconde sua verdadeira essência como técnica, como aquilo que se tornaram em sua nova vigência. Essa essência escondida é o que Heidegger chama de disponibilidade (*Bestand* no texto em alemão e *standing-reserve* na versão inglesa). Não se trata de uma disponibilidade no sentido de estoque, de acervo daquilo que foi descoberto pela técnica moderna, mas sim do acesso ao modo que vigem as coisas após a sua passagem pelo processo do deixar-viger da produção, ou seja, suas novas vigências.

Ao pensar nessa disponibilidade, Heidegger conclui que, embora o homem tenha a habilidade de refletir o mundo e extrair, transformar, estocar, distribuir e reprocessar, o mesmo homem não é o descobrimento como um todo. O homem é um elemento do descobrimento, pois ele também é uma disponibilidade, ele também serve como um dispor e descobrir da natureza. O homem tem participação na teia de técnicas que, por conta disso, acaba por ser igualmente disponibilidade como qualquer outro objeto. Heidegger traz o exemplo do coiteiro - o lenheiro - que ajunta a lenha nas florestas e, sabendo ele ou não, faz parte de toda a indústria madeireira:

Ele [o coiteiro] está dis-posto ao fornecimento de celulose, exigida pela demanda do papel, encomendado pelos jornais e revistas ilustradas. Estes, por sua vez, pré-dis-põem a opinião pública a consumir as mensagens impressas e a tornar-se dis-ponível à manipulação dis-posta das opiniões. (HEIDEGGER, 2002, p.22)

Claro que o homem não é apenas disponibilidade, pois é ele quem é desafiado pela natureza a expor suas energias, é ele quem participa da disposição, o que o torna um modo de descobrimento. Para Heidegger, o descobrimento é onde ocorre a disposição, onde o homem ordena a natureza. Sabemos que não foi o homem que criou a natureza, mas é ao se relacionar com esta que ele ativa a sua criação, é no modo em que ele ordena os objetos a sua frente e a transforma. Portanto, o descobrimento não é apenas um feito do homem, a ação do homem é um dos elementos do descobrimento, mas não todos. O que é, então, o descobrimento como um todo? Onde e como se dá o descobrimento? De acordo com Heidegger, a resposta para essas perguntas é que o descobrimento se dá quando o homem

responde ao chamado da natureza, quando o homem se vê impelido a dispor e descobrir a natureza:

Sempre que o homem abre os olhos e ouvidos e desprende o coração, sempre que se entrega a pensar sentidos e a empenhar-se por propósitos, sempre que se solta em figuras e obras ou se esmera em pedidos e agradecimentos, ele se vê inserido no que já se lhe re-velou. O descobrimento já se deu, em sua propriedade, todas as vezes que o homem se sente chamado a acontecer em modos próprios de descobrimento. Por isso, des-vendando o real, faz senão responder ao apelo do descobrimento, mesmo que seja para contradizê-lo. (HEIDEGGER, 2002, p.22)

Há na natureza, então, um apelo que chama (*claims* na versão inglesa) o homem a desvelá-la, a fazer a sua parte no descobrimento, no qual ele ordena a matéria para abrir as novas formas de vigência, que posteriormente ficarão à sua espera como disponibilidade. Isso é a essência da técnica moderna, a resposta do homem a esse apelo, e isso implica que ela “não se reduz a um mero fazer do homem” (HEIDEGGER, 2002, p.22).

Para seguir adiante em seu caminho de pensamento, Heidegger tem a iniciativa de dar uma nova interpretação à palavra composição, em que esta se torna o nome do apelo que faz o homem a desafiar a natureza. O termo em alemão é expresso pela palavra *Gestell*, o qual é explicado pelo próprio Heidegger da seguinte forma:

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força da reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de descobrimento que rege a técnica moderna, mas que, em si mesmo, não é nada técnico. Pertence ao técnico tudo o que conhecemos do conjunto de placas, hastes, armações e que são partes integrantes de uma montagem. (HEIDEGGER, 2002, p.22)

Comumente a palavra composição possui uma conotação de junção de um conjunto de elementos, de formação ou construção de diferentes partes, mas, o sentido que Heidegger emprega à palavra é mesmo para designar a força do apelo que impele o homem ao descobrimento. Já o ato de junção, formação e construção de elementos, segundo o seu pensamento, responderia pelo trabalho técnico, um trabalho exploratório e não produtor no sentido de ποιήσις.

Lembremos que na técnica antiga não havia a disponibilidade, não havia o armazenamento de energia que, por meio da técnica moderna, permite a vigência das coisas ficarem em estado de prontidão. Na técnica moderna, o homem, então, encara a natureza

como um reservatório de forças, “como um sistema operativo e calculável de forças” (HEIDEGGER, 2002, p.24). Mas como o homem opera e calcula a natureza? Como a natureza é decifrada pelo homem? Vimos que no pensamento de Heidegger, uma particularidade que contribui para a definição da atual técnica como moderna é a possibilidade de armazenamento de energia. A energia sempre existiu na natureza, mas antes ela não tinha o significado que adquiriu quando foi conceituada e matematizada pela física moderna. A física, então, é a teoria que permite a exploração da energia da natureza. Por meio de seus conceitos, o homem consegue compreender a dinâmica da energia e, assim, encontrar meios para armazená-la. Ao fazê-lo, ele abre as portas para o desencobrimento típico da técnica moderna e consegue construir os aparelhos e as máquinas que dão conta de inúmeras atividades antes tidas como impossíveis.

A física é tida nesse pensamento como uma disciplina científica que representa o mundo em sua teoria e entende em que e como se pode transformar a natureza. Por isso, essa disciplina possui uma íntima relação com a técnica moderna. Ora, se a técnica moderna tem como essência a composição, que pode ser entendida como a resposta do homem ao apelo de desafiar a natureza e descobrir o mundo como disponibilidade, e a física é a representação da natureza pelo homem que permite compreender os movimentos dos campos de força por meio da reflexão e matematização, então há entre as duas uma conexão, mas que não é tão explícita quanto as suas posições na ordem dos acontecimentos.

Qual precede qual? A física explica o mundo e, assim, abre as portas para o desencobrimento? Ou é a técnica, tendo como essência o desencobrimento, que permite a exploração teórica da natureza? O pensamento de Heidegger parece denunciar que pode haver certa confusão nessa ordem, pois:

Para a cronologia historiográfica, o início das ciências modernas da natureza se localiza no século XVII, enquanto que a técnica das máquinas só se desenvolveu na segunda metade do século XVIII. Posterior na constatação historiográfica, a técnica moderna é, porém, historicamente anterior no tocante à essência que rege. (HEIDEGGER, 2002, p.25)

A essência da técnica moderna, de acordo com o pensamento desse filósofo, veio antes das ciências modernas. A essência da técnica moderna é a composição, é o comportamento do homem de responder a provocação da natureza e dispô-la. Pensando assim, podemos lembrar aqui de alguns mitos que são contados para representar as grandes descobertas científicas. Por exemplo, o velho jargão na história da ciência, que por muitas vezes foi alvo de incredulidade,

em que Isaac Newton se encontrava debaixo de uma macieira e foi por meio do golpe do fruto que caiu em sua cabeça que o fez pensar acerca da teoria da gravidade. Mesmo que isso possa não ter ocorrido, podemos pensar que é emblemático que esse mito foi repassado por muito tempo como se representasse uma resposta teórico-reflexiva de Newton a um golpe direto da natureza. Seria possível entendermos a maçã que caiu na cabeça de Newton como uma insígnia do apelo, do convite provindo da natureza? O monge e cientista austríaco, Gregor J. Mendel, respondeu a um apelo da natureza quando fortuitamente trabalhou com ervilhas e postulou as leis da hereditariedade dos caracteres biológicos? A viagem de Charles Darwin no famoso Beagle foi um aceite desse convite, o que o possibilitou compreender a evolução das espécies? Não queremos insinuar que a ciência foi construída somente por situações ocasionais, mas intencionamos sugerir, por meio desses exemplos, como na relação do homem com a natureza, ele responde àquilo que é colocado a se desvelar – pelo menos assim é que tenta reproduzir a história da ciência.

O que parece ser a contribuição de Heidegger para o entendimento dessa relação, homem e natureza, é que o filósofo se contrapõe à ideia de natureza como algo regido por leis caóticas, em que caberia ao homem dominá-la. Em oposição, seu pensamento parece se inclinar para a ideia de que o homem está imerso em sua relação com a natureza, e que, quando desafiado, ele procura a dispô-la, o que possibilita a teorização científica:

A técnica moderna precisa utilizar as ciências exatas da natureza porque sua essência repousa na com-posição. Assim nasce a aparência enganosa de que a técnica moderna se reduz à aplicação das ciências naturais. Esta aparência apenas se deixa manter enquanto não se questionar, de modo suficiente, nem a proveniência da ciência moderna e nem a essência do que se questiona. (HEIDEGGER, 2002, p.26)

A natureza sempre convidou o homem a desencobri-la – como se a essência da técnica moderna sempre tivesse existido –, mas parece que foi com a ciência que o homem conseguiu “enxergá-la” – orientar a disposição da natureza como disponibilidade. Será que poderíamos pensar que a alquimia, a cabala, a magia mística foi por muito tempo a tentativa humana, sem êxito, de enxergar a essência da técnica moderna? Foram-nas, assim, tentativas do homem de responder ao chamado da natureza? A essência da técnica moderna foi descoberta somente a partir da ciência moderna? Como isso é possível? Como pôde o homem permanecer cego por tanto tempo àquilo que o permitiria dispor a natureza como disponibilidade? Isso não causa a Heidegger nenhum espanto, pois, o lembra:

Os pensadores gregos já o sabiam ao dizer: o primeiro, no vigor de sua regência, a nós homens só se manifesta posteriormente. O originário só se mostra ao homem por último. Por isso um esforço de pensamento, que visa a pensar mais originariamente o que se pensou na origem, não é caturrice, sem sentido, de renovar o passado mas a prontidão serena de espantar-se com o porvir do princípio. (HEIDEGGER, 2002, p.25)

O amanhã da técnica moderna

A técnica antiga tinha como essência o descobrir da verdade, ὁ λήθη εἶα. A técnica moderna também tem o mesmo descobrir, mas nesta o modo do descobrimento é diferente, a composição, e o que foi descoberto, soma-se como disponibilidade. Acompanhamos o caminho do pensamento de Heidegger, no entanto, e passamos a entender que a disponibilidade não é a essência da técnica moderna, mas a essência é aquela força que desafia o homem a se movimentar ao descobrimento. Esse movimento, essa resposta ao chamado da natureza, que faz o homem dispor, o transpõe de um ponto a outro, sempre que ele se envolve no descobrimento. Esse movimento é entendido por Heidegger como *destino*, como o envio do homem ao descobrimento.

O destino se encontra na essência da técnica moderna porque ele é a direção do homem na composição. O destino é o do descobrimento, em que, poderíamos dizer, o homem é dominado pela volição de dispor a natureza para ter a disponibilidade em abundância. De acordo com Heidegger, o destino nos permite apenas uma possibilidade: “(...) a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que se des-encobre na dis-posição e de tirar daí todos os seus parâmetros e todas as suas medidas” (HEIDEGGER, 2002, p.28). Entende-se, portanto, que o homem abusa da descoberta, explora a natureza de modo aparentemente cego e sagaz quando desafiado a descobrir. Torna tudo o que descobre uma disponibilidade e tudo o que é disponibilidade fica a espera (*stand-by*) com o seu viger. Assim, sendo a única possibilidade do destino da composição esse modo de descobrimento, Heidegger aponta que outra possibilidade é rechaçada, outro modo de descobrimento. Neste, o homem não seria impelido a descobrir do mesmo modo que na composição. O homem ainda disporia a natureza, mas procuraria se envolver com sua descoberta, ele investigaria a essência daquilo que se tornou a viger e, assim, não se jogaria no abismo da composição como única forma de técnica.

Porém, a composição, e nenhuma outra, é a essência da técnica moderna. É esta que acompanha a ciência moderna e é esta que já conduziu o homem a perceber os exageros de suas descobertas. Ora, até mesmo quando Heidegger escreveu o texto sobre a técnica já se possuía em disponibilidade a vigência de bombas de efeito irreversível, uma disposição da natureza pelo projeto *Manhattan*, em que os seus físicos não anteviram o perigo que estariam a desencobrir. Depois de desencoberta, a bomba atômica sempre existirá como disponibilidade e sempre carregará o seu efeito destrutivo.

Há, então, somente uma possibilidade para o destino da técnica moderna, o destino que Heidegger considerou não “um perigo qualquer, mas *o perigo*” (HEIDEGGER, 2002, p. 29). Entretanto, para o filósofo, que claramente tem a filosofia em prerrogativa, o pior dos problemas da essência da técnica moderna não são as descobertas que podem aniquilar o estado físico do homem, mas sim o maior perigo é justamente quando o homem se toma como disponibilidade. Quando ele para de buscar a sua própria essência como ser humano e, assim, se afasta de si mesmo:

Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não-objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da disponibilidade – então é que chegou à última beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade. E é justamente este homem assim ameaçado que se alardeia na figura de senhor da terra. Cresce a aparência de que tudo o que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem. Esta aparência faz prosperar uma derradeira ilusão, segundo a qual, em toda a parte, o homem só se encontra consigo mesmo. (HEIDEGGER, 2002, p.29)

Assim, no seu dia-a-dia, o homem só se depara com aquilo provindo da técnica moderna. Iludi-se ao pensar que dominou a natureza e que agora tudo é produto de seu poder criativo. A técnica em si, segundo Heidegger, não é nada perigosa; o perigoso está na composição. Podemos acrescentar que é quando o homem se encontra preso em uma onipotência ilusória de que tudo que está ao seu alcance é para ser transformado em disponibilidade que ele se distancia da essência de suas descobertas e, assim, da sua própria essência.

Heidegger diz que, embora seu pensamento procure denunciar a virulência da essência da técnica moderna, o mesmo não intenciona ser um presságio pessimista, pois o filósofo não apenas oferece uma verdade perigosa sem apresentar também o que livraria o homem desse perigo. Para explicar a saída, Heidegger busca o substrato nos versos de um poeta muito

estimado por ele, Friedrich Hölderlin (1770 – 1843). São eles: “Ora, onde mora o perigo/ é lá que também cresce/ o que salva”.

O perigo e a salvação, então, são ímpares que coabitam a mesma residência. E onde o perigo mora já foi definido, o perigo mora no destino da composição, na essência da técnica moderna. E se o perigo mora junto à salvação, então esta também habita na composição. Sim, isso parece ser verdade. O problema é que salvar, na visão de Heidegger, não significa apenas afastar daquilo que destrói. Para o filósofo, a salvação significa: “chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho” (HEIDEGGER, 2002, p.31). Mais uma vez, a busca da essência torna a ser a resposta. Não se trata mesmo de desviar o caminho da tecnologia ao apontá-la para outra direção que não seja o da destruição. Ou seja, no pensamento de Heidegger, não é na medida em que o homem use a técnica para prolongar a vida que ele se salvará do perigo do destino de sua essência. A liberdade desse perigo está em entender a técnica, em entender a essência do τέχνη e não fixar o modo de desvelar a natureza como o da composição. Heidegger nos lembra que os gregos deram outro significado ao termo τέχνη, em que este não era apenas a técnica como a entendemos hoje, mas sim englobava também a produção das artes e “que levava a verdade a fulgurar em seu próprio brilho” (HEIDEGGER, 2002, p.36).

Não parece ser uma tentativa de Heidegger de helenizar a técnica, em que o modelo dos gregos salvaria do rumo tomado, mas sim de apontar que o sentido originário de τέχνη não possuía esta heteronomia de objetivação do mundo. Isso resulta em um sentido ontológico para a salvação, em que a resposta estaria no homem. Para ilustrar essa ideia e para terminar a sua reflexão sobre a técnica, Heidegger traz os dois versos seguintes da poesia de Hölderlin, que dizem: “... poeticamente, o homem habita esta terra”.

Conclusão

Por meio de nossa interlocução com o texto de Heidegger, foi possível constatar que a sua compreensão sobre a técnica não se equipara com o sentido de meios para um fim, ou que se trata apenas de uma atividade do homem. Heidegger questiona a técnica para entender a sua essência, retrata a diferença entre a técnica antiga e a técnica moderna e se preocupa em demonstrar que na segunda há um destino perigoso. O perigo reside na ideia de que o homem se encontra preso a um apelo da natureza a desencobri-la como disponibilidade. Isso significa

que ele se afasta não só da essência daquilo que ele descobre, como também de sua própria essência. Também, e não menos importante, o filósofo explicita que a relação entre a técnica e a ciência não é tão clara quanto comumente é concebida, pois, segundo o seu pensamento, a essência da técnica moderna esteve presente muito tempo antes do advento das ciências modernas.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e outros. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *The question concerning technology, and other essays*. Trad. William Lovitt. Nova York: Garland Publishing, INC, 1977.